

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

# IVO ANDRIĆ

## A CRÓNICA DE TRAVNIK



cavalo de ferro

## PRÓLOGO

O pequeno «Café de Lutva» encontra-se, desde tempos remotos, num extremo da cidade de Travnik, debaixo da sombria e rumorejante nascente do Šumeć. Nem os mais idosos da terra se lembram desse Lutva, o primeiro proprietário do café; certamente que já repousa há uma centena de anos nalgum dos cemitérios disseminados por Travnik, mas como todos vão tomar café no Lutva, o seu nome é relembrado e pronunciado mais vezes do que o de muitos dos sultões, vizires e beis já caídos no esquecimento. Nos jardins desse pequeno café, debaixo do rochedo, no sopé da colina, há um canto afastado, um pouco elevado e muito fresco, onde cresce uma velha tília. Ao redor dessa, entre rochas e silvados, estão embutidos uns bancos de formas irregulares quase rentes ao chão, onde dá gosto uma pessoa sentar-se e desagrado levantar-se. Com o passar dos anos e a longa serventia, os bancos ficaram gastos e deformados, fundiram-se com a paisagem, passando a fazer parte inseparável da árvore, da terra e do rochedo.

Respeitando uma tradição de longa data, durante os meses de Verão, ou seja, a partir de inícios de Maio até fins de Outubro, reúnem-se neste lugar, da parte da tarde, por volta da hora da *íćindija*, a terceira oração, os beis de Travnik em companhia de pessoas ilustres admitidas no seu círculo. Quando chegava essa altura do dia, nenhum outro cidadão ousava sentar-se e tomar café nesse socalco, chamado Sofá. Esta palavra conseguiu preservar o seu significado social e político. Encontrava-se muito bem definida no diálogo popular de Travnik, no transcurso de várias gerações, visto que o proferido, discutido

ao pormenor e concluído no Sofá tinha tanto valor como se tivesse sido sentenciado pelos altos dignitários no *Divã*<sup>1</sup> do vizir.

Também hoje está ali sentada uma dezena de beis, embora o dia esteja nublado e comece a soprar um vento que, nesta época do ano, traz chuva. É a última sexta-feira do mês de Outubro do ano de 1806. Sentados, cada um no seu respectivo lugar, os beis conversam em voz baixa; a maioria segue com ar pensativo a dança do Sol e das nuvens, tossindo, mal-humorados.

A conversa gira em torno de uma importante notícia.

Um deles, um tal Sulejman-bei<sup>2</sup> Ajvaz, deslocara-se uns dias antes por motivos de negócio a Livno, onde conversara com um sujeito de Split, um homem sério, segundo comenta, de quem ouvira a nova que agora anunciava aos beis. Estes não entendem de imediato o teor da notícia; pedem detalhes e que a repita mais uma vez.

E Sulejman-bei explica:

– Pois, foi mesmo assim. O homem bem me perguntou: «E então, por Travnik, estão preparados para receber hóspedes?» «Não, nós não», respondo, «não estamos interessados em visitantes». «Eh, tanto faz se estão ou não interessados, mais vale prepararem-se para os receber», disse ele, «porque à vossa cidade vai chegar um cônsul francês. *Bunaparte* pediu à Sublime Porta, em Istambul, autorização para enviar o seu cônsul para Travnik e aí abrir um consulado e se instalar. Esse pedido já lhe foi concedido. Ainda durante este Inverno podem esperar pela sua chegada». Achei que se tratava de uma brincadeira, e retribuí: «Vivemos sem esses cônsules centenas de anos, portanto podemos continuar muito bem sem eles e, no fim de contas, o que irá fazer um cônsul em Travnik?» Mas ele prosseguiu: «Não interessa nada como viveram ou não, agora têm de viver com o cônsul. Os tempos mudam. E não se preocupem que ele logo encontrará com que se ocupar. Sentar-se-á ao pé do vizir para, junto com

1 As palavras estrangeiras, arabismos e topónimos são apresentados no glossário incluído no final do volume. (*N. do E.*)

2 Os títulos turcos como bei, paxá, efêndi, etc. escrevem-se depois do nome próprio. [Todas as notas são da tradutora.]

ele, pôr e dispor, controlar como se portam os vizires e agás e o que faz a arraia, para depois prestar contas de tudo a *Bunaparte*.» «Ora essa! Era o que nos faltava. Nunca foi assim e em tempo algum o será», contradigo o infiel, «nunca ninguém meteu o nariz nos nossos assuntos e tampouco o fará este». «Vejam bem o que vão fazer», diz-me ele, «mas, cá para mim, não terão outro remédio senão receber o cônsul, porque até hoje ninguém recusou pedido algum de *Bunaparte*, nem tampouco o fará a Porta de Istambul. Existe ainda uma outra coisa: mal a Áustria repare que receberam o cônsul francês, exigirá logo que acolham o seu, e claro está que a Rússia não ficará para trás...» «Ouça, amigo, você não está a exagerar um pouco?», interrompo-o, mas ele ri-se, o latino malandro, e, puxando pelo bigode, continua: «Aposto este meu bigode em como as coisas irão acontecer assim como as contei, ou pelo menos de um modo muito semelhante.» Eis o que ouvi, minha gente, e desde então não há maneira de me sair da cabeça — disse Ajvaz, pondo fim ao seu relato.

Nas actuais circunstâncias — o exército francês encontra-se estacionado já há um ano na Dalmácia, e na Sérvia não param as sublevações —, uma notícia pouco esclarecedora como esta é o suficiente para deixar inquietos e confusos os beis, já de si apoquentados. Estão angustiados e preocupados, embora pela expressão das suas caras e pela maneira muito ponderada como expelem o fumo, ninguém dê por isso. Lenta e hesitantemente, falam um de cada vez; tentam adivinhar o que irá acontecer, qual a verdade e qual a mentira que existe naquelas notícias e que medidas deverão tomar para indagar o caso ou, quem sabe, cortá-lo pela raiz.

Uns julgam tratar-se de notícias inventadas e exageradas, e que alguém pretende aproveitar-se para os atormentar e assustar. Outros, porém, embora com amargura na voz, dizem que os tempos de hoje são assim, que coisas destas acontecem em Istambul, e na Bósnia, e em todas as partes, que não se deve estranhar nada, antes pelo contrário, tem de se estar preparado para tudo. Os terceiros, contudo, consolam-se e salientam que isto é Travnik — Travnik! — e não uma qualquer insignificante aldeola ou povoado reles, e que a eles não deve nem pode acontecer o que acontece aos outros.

Cada um pronuncia a sua opinião, ainda que apenas para marcar presença e ninguém comenta nada de concreto, visto que todos estão à espera de ouvir o que tem a dizer o mais ancião de entre eles. E o mais idoso é Hamdi-bei Teskeredžić, um ancião encorpado, de movimentos lentos, dotado de uma estatura de proporções colossais, que ainda conserva todo o seu vigor. Passou por muitas guerras, sofreu numerosos ferimentos e suportou a condição de escravo, teve onze filhos e oito filhas que o obsequiaram com uma numerosa descendência. A barba e o bigode são ralos, o rosto anguloso coberto de cicatrizes e de manchas roxas devido a uma remota explosão de pólvora. As pálpebras, pesadas e descaídas, são da cor do chumbo. Fala devagar, mas com clareza.

Finalmente, Hamdi-bei, com a sua voz surpreendentemente juvenil, acaba com as suposições, palpites e receios:

— Não é, por acaso, hábito dizer que não vale a pena meter os carros à frente dos bois? Pois então, tampouco vale a pena alarmar as pessoas sem necessidade. É preciso ouvir e memorizar tudo, mas sem tomar nada como certo. A respeito dos cônsules, sabe-se lá qual é a verdade. Ou vêm ou não vêm. E, se chegarem, não será por causa disso que o Lašva se vai pôr a correr ao contrário; continuará, sim, o seu curso natural como sempre o fez. Nós estamos na nossa terra e os que aparecerem estarão na terra de outrem, onde, por isso mesmo, não ficarão por muito tempo. Exércitos inteiros passaram por aqui, mas não ficaram por muito tempo. Muitos vinham com a intenção de aqui se estabelecerem e até agora conseguimos olhar para as costas de todos e assim será com estes, se é que virão. Por agora não há vestígios deles. E, sobre aquilo que esse tal pediu a Istambul, não quer dizer que o assunto esteja arrumado. Já tanta gente pediu tanta coisa, mas nem sempre os pedidos foram satisfeitos...

Depois de ter pronunciado as últimas palavras com irritação, Hamdi-bei faz uma pausa e, num silêncio absoluto, solta uma golpada de fumo para depois continuar:

— E mesmo que fosse verdade! Será preciso ver como correrão as coisas e quanto tempo hão-de durar. A estrela de um homem não brilha para sempre, e, portanto, também não a deste... deste...

Então Hamdi-bei engasga-se um bocado, tossindo em seguida, devido a tanta raiva reprimida que o impediu de dizer o nome de *Bunaparte*, nome que todos têm na mente e na língua.

Ninguém diz mais nada e assim finda a conversa sobre a notícia mais recente.

De repente, as nuvens cobrem por completo o Sol e, em seguida, levanta-se um vento frio e forte. As folhas dos álamos à beira do rio tilintam, como se fossem de metal. O calafrio que percorre todo o vale de Travnik augura o fim da época de se sentarem e conversarem no Sofá, pelo menos neste ano. Os beis começam a levantar-se, um por um, e a dirigir-se para suas casas, cumprimentando-se em silêncio.

## I

No princípio do ano de 1806 começaram a suceder-se em Travnik acontecimentos assaz estranhos e jamais vistos até então.

Nunca passou pela cabeça de ninguém em Travnik que aquela cidade fosse feita para presenciar uma vidinha corriqueira e acontecimentos vulgares. Isso nunca, nem sequer ao último pacóvio no sopé do monte Vilenica. Tal sentimento, profundamente enraizado, de que eles, por alguma razão, eram diferentes de toda a gente e de que foram feitos e escolhidos para algo melhor e mais distinto inculcava-se em cada criatura humana juntamente com o vento frio de Vlašić, a água gélida do Šumeć e o trigo «doce» dos campos cheios de Sol em redor de Travnik, e nunca mais os abandonava nem quando sonhavam, nem quando estavam nas ruas da amargura ou na hora da morte.

Isto era válido principalmente para os turcos que viviam na cidade, mas também a arraia das três religiões, dispersa pelas íngremes encostas das montanhas ou apinhada num arrabalde qualquer, estava impregnada pelo mesmo sentimento, cada qual à sua maneira e de acordo com a sua condição. Isto era igualmente válido para a própria cidade, cuja posição e ordenamento possuía algo de especial, particular e altivo.

A cidade é, na realidade, uma estreita e profunda falha, edificada e cultivada por sucessivas gerações no decurso do tempo, uma passagem fortificada, onde as pessoas ficaram a viver para sempre, adaptando-se a ela, e ela por sua vez a eles, durante séculos. Das duas encostas, as montanhas caem abruptamente para se encontrarem depois num ângulo agudo, num valezinho onde mal cabe um rio esguio

e a estrada que o ladeia. Assim visto, tudo se parece com um livro aberto ao meio, nas folhas do qual, de um e do outro lado, estão, como que desenhados, jardins, ruelas, casas, campos, cemitérios e mesquitas.

Ninguém fez os cálculos sobre as horas de Sol que a natureza retirou a essa cidade, mas não há dúvida nenhuma de que aqui o Sol nasce mais tarde e se põe mais cedo do que em qualquer outra das numerosas cidades ou vilas existentes na Bósnia. Tal não é negado nem pelos próprios habitantes de Travnik, embora se aferrem a dizer que o Sol, enquanto brilha na cidade deles, não brilha da mesma maneira em nenhum outro lugar.

Neste vale tão estreito e saturado de humidade e correntes de ar, no leito do qual correm o rio Lašva e numerosos mananciais, barrancos e regatos sarapintam as ladeiras, e quase não há caminho ou lugar plano onde se possa colocar o pé com segurança. Tudo é íngreme e irregular e está entrelaçado e entrecruzado, ligado ou interrompido por caminhos particulares, cercas, becos sem saída, quintais e cancelas, cemitérios e santuários.

Aqui, perto da água, esse elemento misterioso, inconstante e poderoso, nascem e morrem as linhagens de Travnik. Aqui eles crescem, franzinos e descorados, mas resistentes e à altura de todos os desafios. Aqui vivem tendo o *Konak* do vizir diante dos olhos, altivos, esbeltos, elegantes, exigentes e sagazes; aqui fazem os seus negócios e enriquecem ou se tornam mandriões vivendo nas ruas da amargura, embora todos eles sejam reservados e prudentes. Desconhecem o que é rir-se às gargalhadas, mas sabem rir-se dos outros, falam pouco, mas gostam de cochichar mexericos; aqui também são enterados em cemitérios pantanosos, cedendo o lugar a novas e semelhantes gerações quando chega a sua hora, cada um segundo a sua religião e costumes.

Assim se sucedem as descendências, legando umas às outras não só determinadas propriedades físicas e mentais, mas também a terra e a fé, não só a sabedoria e a capacidade de distinguirem todas as veredas, portais e passagens da sua cidade emaranhada, mas também uma habilidade inata para reconhecerem o mundo e as pessoas em geral. Com tudo isto nascem as crianças de Travnik debaixo do braço,

No auge das campanhas militares que opõem La Grande Armée de Napoleão aos exércitos aliados das restantes potências europeias, o diplomata francês Jean Daville, logo seguido pelo seu congénere e rival austríaco, é enviado como cônsul para Travnik, capital bósnia do Império Otomano, terreno multiétnico de disputas milenares onde coabitam muçulmanos, judeus, cristãos e ortodoxos. Nesta pequena cidade perdida nos montes, residência do vizir turco, Daville assiste progressivamente ao naufrágio dos seus sonhos de juventude e ambições pessoais perante a desconfiança de uma comunidade atávica e hostil, alvo de sucessivas ocupações e domínios ao longo de séculos.

Apontado pela crítica como a verdadeira obra-prima de Ivo Andrić, Prémio Nobel de Literatura, *A Crónica de Travnik* é um romance literário e histórico brilhante, sobre os fanatismos políticos e religiosos, as mesquinhas rivalidades entre os povos, e a efemeridade dos impérios.



«Uma obra que ilumina as subtis verdades  
dos Balcãs com implacável precisão.»

*The New York Times*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

  penguinlivros

ISBN: 978-989-589-560-1



9 789895 895601